

Aonde o carteiro nunca chega

MARCELO ABREU

DA EQUIPE DO CORREIO

A moda pegou. Existem os sem-terra. Todo mundo já ouviu falar. Existem os sem-teto. Figurinhas conhecidas no cenário nacional. E não pára por aí. Há uma infinidade de sem. Os sem-vergonha, sem-juízo, sem-moral, sem-educação, sem-causa, sem-rumo, sem-partido, sem-identidade, sem-jeito-que-dê-jeito, sem-vontade de trabalhar... E tantos outros sem-qualquer-coisa.

Agora, uma nova categoria entra no cenário brasileiro. Os sem-carteiros. Isso mesmo. Um povo que mora em local conhecido, pagou para estar ali, tem endereço completo, paga conta de água e luz (a conta chega por meio dos funcionários das respectivas empresas), tem rua com asfalto, placa na porta, CEP e até caixinha dos Correios à espera de uma carta que nunca chegou. E, pelo visto, vai ser difícil chegar.

Que povo é esse? São os moradores de uma parte do Riacho Fundo II, assentamento que virou cidade há um ano. São pelo menos 1.200 casas e perto de quatro mil moradores sem contato com o mundo — pelo menos o mundo via postal.

E como esse povo tem sofrido. E passado constrangimentos. É um povo que mora, mas não pode provar onde mora. Tem endereço, mas não consegue receber correspondência. Nem mesmo o carnê de cobrança das Casas Bahia, onde a geladeira foi comprada em suadas 18 vezes.

Nem as maltraçadas linhas dos parentes distantes perguntando como é a nova cidade... Nada. Em boa parte do Riacho Fundo, o bom moço ou a boa moça de bonê, calça azul e camisa amarela, carregando uma mochila cheia de cartas e contas, é pura miragem. Ficção das boas.

De todos os tipos

Nas placas das casas — das mais humildes à mais ajeitadinha —, ela está lá: a caixinha dos Correios. Visível, pedindo para que se olhe para ela. Tem de todos os tipos, tamanhos, cores. Até agora, um ano depois, só serve de enfeite. Nem uma continha do carnê caiu ali dentro. Motivo? Simples. Não existem carteiros disponíveis para a cidade. Não há, na linguagem mais técnica, 'recursos humanos para atender a demanda'.

"O trabalho técnico de redistritamento, que contempla o mapeamento de CEP na cidade, foi realizado no primeiro semestre deste ano", informou, por meio da assessoria de comunicação, o coordenador de Negócios da Diretoria Regional dos Correios em Brasília, José Luiz Martins Chinchilla.

Resumo: os moradores do Ri-

Fotos: Carlos Moura



ROLDÃO TOMÁS, COMERCIANTE: "O CARNÊ NÃO CHEGOU. FUI À LOJA E QUASE PERCO MEU CRÉDITO"



SILMARA GONÇALVES PERCORRE CERCA DE 30 QUILOMETROS PARA PEGAR SUA CORRESPONDÊNCIA



**OFÍCIO DA ADMINISTRAÇÃO DO RIACHO FUNDO II
PEDINDO CARTEIROS AOS CORREIOS**



**OS CORREIOS RESPONDEM QUE ESTÃO FAZENDO
"REDIMENSIONAMENTO" ENTRE 2004 E 2005**

cho Fundo já tem, sim, CEP (geral, é verdade, mas têm). Portanto, estão aptos para receber a visita dos carteiros. Mais adiante, Chinchilla completa: "Tão logo haja autorização pelas autoridades competentes para a liberação de contratação dos recursos humanos necessários teremos a entrega de correspondência regularizada".

Enquanto as "autoridades competentes" a que se refere o coordenador regional não contratam carteiros, os moradores do Riacho Fundo II sofrem. Cada um por um motivo. Tem a moça que não recebe cartas do namorado

na Bahia desde que se mudou para a cidade. O filho que não sabe notícias da mãe há tempos. As cartas dela nunca chegam.

A vendedora da Natura que não consegue receber os catálogos com as novidades. "O que já perdi por causa disso só Deus sabe. Eu vivo disso", desespera-se Lucimar Monteiro Leite, de 33 anos. A dona-de-casa que usa o antigo endereço, no P Sul, em Ceilândia, para ter certeza de que terá notícias da família, no Ceará. "Se não for assim, a gente fica sem saber de nada. Telefone é muito caro", diz Madalena Cardoso, de 28 anos.

O comerciante que quase perde o crédito na C&A, depois de provar a idoneidade. "O carnê não chegou. Fui à loja e quase perco meu crédito", queixa-se Roldão Tomás, de 35 anos, dois filhos. E continua: "Meus parentes nem escrevem mais. Eles sabem que não vou receber mesmo..."

E o pedreiro que, para não ficar sem o carnê do IPVA, colocou o endereço do irmão, que mora em Samambaia. "A gente tem asfalto, energia, esgoto, mas não consegue ter um carteiro", reclama Noé Mendonça dos Santos, de 38 anos.

Na casa da sogra

Há ainda a história da professora. As contas do telefone celular foram parar na casa da sogra, no Guará. "Foi a única forma de pagar as contas e não ter o nome sujo", explica Silmara Gonçalves, de 29 anos, casada, dois filhos.

Longe dali, do outro lado do Riacho Fundo II, na casa de Wanderlei Barbosa, jardineiro de 35 anos, a caixinha dos Correios está quase pronta. Ele separou pedaços de madeira e só falta escolher o local onde ficará a peça que irá decorar a cerca de madeira. "Nem sei se um dia o carteiro vai passar por aqui..."

Na ouvidoria da Administração Regional da cidade, as queixas pela falta de carteiros e de uma agência dos Correios são diárias. "As pessoas reclamam bastante. É muito difícil viver assim", analisa a chefe da ouvidoria, Cláudia Glinardello, de 38 anos. O gerente de serviços públicos, Carlos Estevão, 22, concorda: "Como toda cidade recém-criada, ainda temos muitos problemas, mas a falta de um carteiro é muito sentida pela população".

No ofício enviado à administração em março deste ano, a diretoria regional informa: "Atendendo solicitação contida no ofício, informamos a V.Sª que está prevista, no Plano de Redimensionamento da Rede de Atendimento, para o exercício de 2004/2005, a criação de uma agência de Correios nessa cidade".

Enquanto isso, sem agência dos Correios e sem carteiros — nem unzinho para fazer a alegria da população —, os moradores driblam como podem a falta do serviço. Lucimar, revendedora Natura, contabiliza prejuízos: "Até meu cartão de crédito foi devolvido. Nunca chegou aqui em casa".

A dona de casa Madalena usa o antigo endereço, no P Sul. Roldão tem que ir à C&A para garantir o nome limpo. Silmara pega a correspondência na casa da sogra, a 30 quilômetros de onde mora. E Wanderlei confecciona pacientemente a caixinha dos Correios, à espera do carteiro e de qualquer notícia. Quando virá? Só Deus sabe... (M.A.)